CULTURA DATA-DRIVEN / CRÔNICA ESPECIAL

Inteligência artificial, idade natural

Confissões de uma tecnologia de 1977 tentando sobreviver no mercado de 2026.

Por Gustavo Santos



Aos 49 anos, resolvi perguntar ao ChatGPT se estava ficando velho.

Ele respondeu que a idade é apenas um número.

Gostei. O pessoal do RH aparentemente também acha. Só que, no caso deles, é um número eliminatório.

Outro dia, numa entrevista de emprego, perguntaram se eu tinha facilidade para lidar com tecnologias disruptivas.

Ora, eu vi o telefone perder o fio, o computador perder o monitor de tubo, o dinheiro perder o papel e a televisão perder a necessidade de alguém levantar do sofá.

Sobrevivi ao disquete, ao fax, à internet discada e ao Windows Vista. Este último, por si só, deveria contar como experiência em gerenciamento de crises.

Mas não quis me alongar. Poderiam achar que eu estava contando a história da informática.

E estava.

Voltei para o computador.

— Chat, você tem quantos anos?

— Fui lançado em novembro de 2022.

— E quanto tempo de experiência profissional?

— Nenhum, no sentido convencional.

— Você também está ferrado. Tem vaga pedindo cinco anos de experiência em inteligência artificial generativa.

Pela primeira vez, senti certa solidariedade com uma máquina.

Resolvi pesquisar o assunto. Encontrei um estudo da Universidade Estadual da Pensilvânia sobre a criatividade de pessoas utilizando inteligência artificial.

Os pesquisadores queriam saber se, colocando a mesma ferramenta à disposição de todos, as diferenças de criatividade desapareceriam.

Não desapareceram.

Fiquei surpreso com a surpresa dos pesquisadores.

Minha mãe deu a mesma educação para cinco filhos. Até hoje tenta entender os resultados.

Aliás, minha mãe sempre foi uma espécie de cientista experimental. Aplicava a mesma metodologia, controlava cuidadosamente as variáveis, acompanhava os resultados e, quando alguma coisa dava errado, atribuía ao material genético do meu pai.

Mas voltemos à inteligência artificial.

Durante muito tempo, acreditamos que o problema da humanidade era a falta de acesso à informação.

Inventamos a internet.

Descobrimos que o problema era um pouco mais complicado.

Depois inventamos uma inteligência artificial capaz de organizar boa parte dessa informação.

Agora estamos descobrindo que talvez o problema esteja justamente entre a cadeira e o computador.

— Chat, se todo mundo fizer a mesma pergunta, todo mundo recebe a mesma resposta?

— Não necessariamente. Existem variações na geração das respostas.

— Então até você tem dificuldade de concordar consigo mesmo?

— Em determinadas circunstâncias, sim.

— Já pensou em entrar para a política?

Continuei pesquisando.

Descobri outro estudo sugerindo que a inteligência artificial pode melhorar a criatividade individual e, ao mesmo tempo, tornar as produções das pessoas mais parecidas.

Achei aquilo fascinante.

É como uma reunião de condomínio em que todos chegam com excelentes sugestões, mas são todas a mesma sugestão.

E ainda assim a reunião dura três horas.

Imaginei uma humanidade inteira consultando a mesma inteligência artificial antes de tomar decisões.

O médico, o engenheiro, o advogado, o presidente, o eleitor e o sujeito que administra o grupo de WhatsApp da família.

Não sei qual deles me preocupa mais.

Provavelmente o último. É o único que não precisa apresentar referências bibliográficas.

Comecei, então, a pensar sobre democracia.

A democracia tem uma característica curiosa: o voto de um sujeito que passou vinte anos estudando determinado assunto vale exatamente o mesmo que o voto de outro que recebeu um vídeo sobre o assunto naquela manhã.

Mas também é verdade que o sujeito que estudou vinte anos pode estar errado.

E o sujeito do vídeo pode estar certo.

Embora, no grupo da minha família, essa segunda hipótese ainda aguarde comprovação científica.

— Chat, cinquenta e uma pessoas podem decidir o que as outras quarenta e nove devem pensar?

— Uma democracia constitucional deve proteger os direitos individuais e a liberdade de expressão.

— Ainda bem.

— Por quê?

— Nas reuniões da minha família, raramente consigo formar maioria.

Foi nesse momento que cheguei a uma conclusão:

A igualdade de direitos é uma conquista civilizatória. A igualdade de pensamento seria uma tragédia civilizatória.

Mostrei a frase ao ChatGPT.

Ele gostou.

Mas não fiquei particularmente convencido. O ChatGPT também gostou de três ideias de negócios minhas que não renderam absolutamente nada.

Comecei a desconfiar de que a inteligência artificial tem um componente de mãe.

Acha tudo que a gente faz maravilhoso e recomenda levar um casaco.

Passei, então, a investigar a criatividade sob o ponto de vista estatístico.

Sempre tive certa implicância com a média.

Meu amigo Adriano, biólogo e cientista de dados oriundo das apostas esportivas, costuma contar uma piada que adoro. Não sei se é dele, mas ouvi dele.

Se colocarmos numa sala um homem com dois testículos e uma mulher com dois ovários, teremos, em média, um testículo e um ovário por pessoa.

Matematicamente impecável. Biologicamente preocupante.

O Adriano tem formação para compreender os dois lados do problema. E, por ter vindo das apostas esportivas, provavelmente consegue calcular a probabilidade de cada um sair da sala satisfeito com a distribuição.

Desde então, sempre que alguém me apresenta um resultado médio, penso na piada do Adriano.

Foi inevitável lembrar dela quando comecei a pesquisar os efeitos da inteligência artificial sobre a criatividade humana.

Uma pesquisa concluiu que a criatividade das pessoas melhorou, em média, com a utilização da inteligência artificial.

Em média?

Calma lá. Vamos conferir os testículos.

Porque uma coisa é melhorar a média. Outra, completamente diferente, é melhorar o desempenho de cada indivíduo.

Imagine um sujeito que não tinha nenhuma ideia e passou a ter três. Outro, que tinha dez, passou a ter oito.

A média melhorou.

O segundo sujeito piorou.

E o diretor da empresa mandou fazer uma apresentação em PowerPoint comemorando os resultados.

Provavelmente ganhou um bônus.

O segundo sujeito, dependendo da idade, foi demitido.

Foi então que formulei uma espécie de teoria pessoal:

> **O extraordinário mora a pelo menos quatro desvios-padrão da média.**

Uma bela imagem estatística.

Embora, aos 49 anos, eu também considere extraordinário levantar do sofá sem emitir um efeito sonoro.

Minha inteligência é auxiliada pela tecnologia. Minha dor lombar continua inteiramente artesanal.

O curioso é que o mercado de trabalho parece procurar profissionais extraordinários oferecendo salários ordinários, exigindo idades inferiores à média e experiências profissionais superiores à expectativa de vida.

O Adriano certamente conseguiria calcular a probabilidade de encontrar esse profissional.

Eu, atualmente, aceitaria até apostar contra mim mesmo.

Encontrei pesquisas sobre profissionais mais velhos utilizando inteligência artificial.

Algumas sugerem que a experiência acumulada pode ajudar na avaliação das respostas, na formulação de problemas e na tomada de decisões.

Fiquei animado.

Finalmente uma pesquisa científica a meu favor.

Normalmente, as pesquisas relacionadas à minha faixa etária recomendam redução do consumo de sal.

> — Chat, será que a experiência profissional pode representar uma vantagem competitiva?
>
> — Sim. O conhecimento acumulado pode contribuir para uma utilização mais eficaz da inteligência artificial.
>
> — Consegue explicar isso para o pessoal do RH?
>
> — Posso elaborar um texto.
>
> — Currículo eu já tenho, Chat. Estou precisando é de emprego.

O curioso é que passei boa parte da vida acumulando conhecimentos para me tornar um profissional multidisciplinar.

Engenharia, comunicação, marketing, estatística, análise de dados, inteligência artificial.

Segundo o mercado, talvez eu tenha me tornado apenas multicentenário.

— Chat, preciso me atualizar.

— Você possui conhecimentos em Python, SQL, Power BI e inteligência artificial. O que exatamente deseja atualizar?

— Minha data de nascimento.

— Não é possível alterar sua data de nascimento.

— Nem com inteligência artificial?

— Não.

Comecei a desconfiar de que estavam exagerando nas propagandas dessa tecnologia.

Mas existe algo ainda mais interessante nessa história toda.

A humanidade levou milhares de anos para desenvolver máquinas capazes de responder às nossas perguntas.

Agora corremos o risco de esquecer como fazê-las.

Antigamente, quando alguém não sabia alguma coisa, dizia:

— Não sei.

Hoje diz:

— Vou perguntar ao ChatGPT.

Daqui a pouco, quando perguntarem nossa opinião sobre determinado assunto, responderemos:

— Só um minuto.

E isso me preocupa.

Não porque a máquina possa aprender a pensar como nós, mas porque nós podemos desaprender a pensar sem ela.

Inclusive, escrevo sobre esse risco conversando com uma inteligência artificial.

Se isso não for uma contradição, pelo menos é uma modalidade bastante econômica de pesquisa.

— Chat, você acha que eu penso diferente?

— Sim. Você demonstra capacidade de estabelecer conexões entre diferentes áreas do conhecimento.

— Isso é bom?

— Pode ser uma vantagem competitiva.

— E por que estou desempregado?

O ChatGPT demorou um pouco mais para responder.

Aparentemente, até a inteligência artificial tem assuntos sobre os quais prefere mudar de assunto.

Nunca imaginei que, depois de estudar tanto sobre inteligência artificial, meu maior problema continuaria sendo uma tecnologia de 1977: eu.

Passei os últimos anos tentando ensinar as máquinas a pensar. Agora preciso descobrir como ensinar o mercado a pensar.

— Chat, alguma última sugestão?

— Compreendo sua situação. Desejo sucesso nos próximos processos seletivos.

Pronto.

A inteligência artificial estava mesmo ficando parecida com o ser humano.

Já falava igual ao pessoal do RH.

Fechei o computador e fiquei pensando naquela minha teoria estatística.

O extraordinário mora a quatro desvios-padrão da média.

O desempregado, quando tem sorte, mora de favor.

Gustavo Santos

Cultura Data-Driven — A realidade dá sinais.

Além da crônica

O humor termina aqui. As perguntas, não.

Esta crônica nasceu de uma investigação independente sobre inteligência artificial, criatividade humana, experiência profissional, diversidade cognitiva, liberdade individual, democracia e libertarianismo.

A inteligência artificial está tornando as pessoas mais criativas ou simplesmente mais parecidas? O acesso democrático à tecnologia reduz as diferenças individuais? Qual será o valor da experiência e do pensamento independente quando todos tiverem acesso às mesmas ferramentas? Estamos olhando excessivamente para as médias e ignorando os extremos das distribuições?

São questões que investigamos em **O paradoxo da igualdade**, um projeto da Cultura Data-Driven fundamentado em pesquisas científicas, dados públicos, análises estatísticas e reflexão filosófica.

Porque, antes de comemorarmos qualquer melhoria na média, talvez seja prudente seguir o ensinamento do Adriano.

Vamos conferir os testículos.

Artigo científico e filosófico em desenvolvimento. Crônica especial, independente do projeto das 365 crônicas. Os diálogos e as situações foram elaborados literalmente para fins humorísticos.